

O TERRITÓRIO

O território aqui abordado - concelhos de Alcoutim, Castro Marim e Vila Real de Santo António - está na sua maior parte limitado por barreiras geográficas naturais, a saber: a Norte, pela ribeira do Vascão; a Leste pelo rio Guadiana e a Sul pelo oceano. Apenas a sua fronteira ocidental constitui uma divisão puramente administrativa, demarcando-o do concelho de Tavira e, numa pequena porção do seu extremo Noroeste, do concelho de Loulé. Para além disso, a região retratada, nos confins do Sotavento, encosta a Espanha e, a Norte, faz a transição para o Baixo Alentejo, isto é, para o concelho de Mértola que apresenta, a Sul, uma continuidade paisagística natural com a área mais setentrional do concelho de Alcoutim.

Numa perspectiva agroflorestal, CARY (1985) inclui os concelhos de Alcoutim e Castro Marim na Serra, e o de Vila Real de Santo António no Barrocal. A Serra, interior e muito dobrada, apresenta declives acentuados e solos esqueléticos fortemente erosionados. Os sistemas agrícolas são de subsistência e baseiam-se numa cultura marginal de cereais e pousios, com um aproveitamento pecuário (*i.e.* ovelhas e cabras) em manadio extensivo. O Sobreiro (*Quercus suber*) e a Azinheira (*Quercus ilex*) são, no Sotavento serrano, os elementos arbóreos dominantes. Por sua vez, o Barrocal, ondulado mas de declives mais suaves, é a zona tradicional de ocupação do pomar de sequeiro algarvio, isto é, as formações mistas ou estremes de Amendoeira (*Prunus dulcis*), Alfarrobeira (*Ceratonia siliquã*) e Figueira (*Ficus carica*). Nos sistemas arvenses predomina a rotação cereal-leguminosa.

A imagem que nos é dada por CARY (*op. cit.*), está hoje substancialmente modificada em grande parte devido à entrada de Portugal para a Comunidade Económica Europeia e à adopção, daí decorrente, da Política Agrícola Comunitária. Isto é sobretudo verdade no que respeita aos dois primeiros concelhos. Com efeito, os sistemas arvenses de sequeiro já quase desapareceram e a Serra apresenta actualmente quer um manto contínuo e monocromático de esteval, quer povoamentos recentes fundamentalmente de Pinheiro-manso (*Pinus pineà*) e, ainda, alguns pomares de amendoeira dispersos e núcleos de azinho. Apenas nos vales mais ou menos abrigados e irrigados, e ao redor dos povoados, a actividade agrícola é mais intensiva e

variada. Por outro lado, Vila Real de Santo António não faz realmente parte do Barrocal mas sobretudo do Litoral denotando diversos tipos de culturas e uma orla costeira arenosa, colonizada pelo pinhal. Teremos ainda oportunidade de voltar a este assunto quando falarmos das zonas naturais.

AS CONDIÇÕES GEOCLIMÁTICAS

O território ascende a altitudes modestas que não superam os 400m nas áreas mais elevadas (*i.e.* serra do Caldeirão). Em contraste, o terço meridional e os vales do Guadiana e dos seus principais afluentes não ultrapassam os 100m. Assim, não existe aqui nenhum relevo proeminente que possa ter uma influência relevante sobre o clima, à imagem do que acontece mais para ocidente sobretudo com a serra de Monchique. Porém, quem se desloque do litoral baixo e aplanado e caminhe para Norte, em direcção à ribeira do Vascão, irá com certeza notar alterações significativas na topografia, em particular nas áreas mais dobradas sob a influência das ribeiras de Odeleite e da Foupana. O desnível altitudinal que se experimenta entre o leito destas ribeiras e o cume dos cerros circundantes, apesar de ser apenas de escassos 200m, parecer-nos-á de monta. As linhas de água, serpenteando por entre os montes de xisto, correm então bastante encaixadas e apresentam encostas de pendor acentuado, por vezes com afloramentos rochosos de dimensão variada. A serra do Caldeirão, que vem morrer no Guadiana, já não evidencia aqui a magnitude demonstrada no concelho de Loulé. No extremo Norte, a zona atravessada pela estrada que liga Martim Longo a Alcoutim é, do ponto de vista topográfico, um ondulado amortecido bastante diferente dos sucessivos cerros arredondados do coração da Serra, cortados por fundos barrancos.

O xisto é a formação rochosa dominante. Abrange cerca de 90 % da área em causa e condiciona claramente tanto o tipo de relevo como a fisionomia da paisagem. Apenas no litoral e ao longo dos vales dos principais cursos de água se observam formações sedimentares de origem recente e de natureza e fertilidade diversas (*i.e.* aluviões, areias, arenitos, calhaus rolados).

Os níveis de precipitação são globalmente muito reduzidos. Porém, em determinadas áreas junto à fronteira com o concelho de Tavira chove mais de 600mm por ano. Na faixa raiana e no litoral, pelo contrário, a queda de precipitação é mínima. No que concerne ao teor de humidade atmosférica

verifica-se o oposto, isto é, o ar é mais húmido no litoral e na faixa raiana e mais seco no restante território. Conclui-se assim que a presença do oceano e do Guadiana condiciona os níveis de humidade pela considerável evaporação que neles se produz. A recente criação das albufeiras de Alcoutim, Foupana e Odeleite conduzirá provavelmente à ampliação deste fenómeno. Relativamente à temperatura constata-se a existência de uma zona mais quente que abrange quer o litoral e uma faixa de território ao longo do vale do Guadiana, quer os vales das principais ribeiras. Pelo que atrás se referiu, pode deduzir-se que o clima da região apresenta um défice hídrico prolongado, mais acentuado do que no resto do Algarve, conferindo-lhe uma significativa aridez. A delgada faixa litoral e os vales abrigados das linhas de água, devido ao seu enquadramento geográfico, estão sob a influência de microclimas singulares. As suas particulares situações climáticas associadas às suas características litológicas e pedológicas condicionam a existência de meios ambientes próprios, alguns deles de grande relevância conservacionista.

A região tratada está integrada na bacia hidrográfica do rio Guadiana. Como principais cursos de água salientam-se o próprio Guadiana - aqui na parte terminal do seu curso - e as ribeiras do Vascão, de Cadavais, da Foupana, de Odeleite e de Beliche, todas elas afluentes da margem direita do grande rio ibérico e com origem na serra do Caldeirão. O Guadiana é canalizado, praticamente até à foz, por cerros de xisto. Por isso, apenas a partir de Castro Marim se pode falar de uma planície aluvial ainda que sem a importância, a amplitude e a tipologia das planícies aluviais do Tejo ou do Sado. Embora o Guadiana apresente grandes flutuações de caudal, mantém sempre um elevado volume de água e está sujeito ao efeito de maré. As ribeiras afluentes secam durante boa parte do ano ou apenas retêm algumas "poças" de água estagnada e turbida no estio. De tal maneira este fenómeno é acentuado, que boa parte dos leitos destas ribeiras serviram outrora como via de passagem num território completamente recoberto de matagal. No decurso do semestre chuvoso (*i.e.* Outubro a Março), o seu caudal pode engrossar substancialmente fruto de algumas fortes chuvadas. Assim, de uma estação para a outra, elas podem ser quase irreconhecíveis. Este é o regime próprio dos cursos de água mediterrânicos de regime torrencial. Durante as enxurradas é bem patente o efeito desastroso da erosão sobre os delgados solos de xisto,

impermeáveis e completamente expostos à acção devastadora das águas pluviais.

A nosso ver e de acordo com BELIZ (1986), o Barrocal não existe nesta região. Ao falarmos de Barrocal estamos a pensar numa das zonas naturais tipicamente algarvias, a qual corresponde a um território com determinadas características topográficas, litológicas, pedológicas, agrícolas, botânicas e ecológicas. Existem, isso sim, a Serra e o Litoral e, ainda, uma Zona de Transição entre ambas com algumas das componentes do Barrocal mas que não se apresenta no seu conjunto como tal. Considerámos igualmente a existência de uma quarta zona natural, que designámos por "Vale do Guadiana". Passaremos seguidamente e de forma sucinta, a apresentar as principais características destas áreas.

O Litoral corresponde a uma estreita faixa costeira, baixa e aplanada, constituída por terrenos terciários e quaternários e delimitada a Norte *grossomodo* pela E.N. 125. É nesta faixa que se concentram os principais aglomerados populacionais e na qual o uso do solo, próprio da ecologia termomediterrânica, é intenso e heterogéneo. Encontramos assim estufas, pomares de citrinos, vinhas, horticultura mas também a Oliveira (*Olea europaea*), a Alfarrobeira, a Amendoeira e a Figueira. Goza de um clima ameno mesmo no Inverno, para o qual contribui o efeito de barreira da serra do Caldeirão que o protege das nortadas. A Zona de Transição, ainda aplanada ou levemente ondulada e bastante delgada, evidencia o domínio do pomar de sequeiro no qual pontua a Alfarrobeira embora se notem também alguns dos sistemas culturais próprios do Litoral uma vez que partilha com ele alguns tipos de solos e o ambiente climático. No que diz respeito ao substrato litológico, faz a passagem das formações sedimentares para as metamórficas. Esta zona começa na E.N. 125 e é limitada a Norte sensivelmente pelo traçado da Via do Infante, que é também o local até onde chega a Palmeira-anã (*Chamaerops humilis*), um dos elementos botânicos mais característicos do Barrocal. A zona Vale do Guadiana corresponde quer ao vale deste rio, quer aos troços encaixados dos vales dos seus principais afluentes que, pelo seu enquadramento geográfico, constituem áreas abrigadas nas quais podemos encontrar, por vezes, usos agrícolas semelhantes aos do Litoral. De constituição rochosa xistosa, é uma zona de fisionomia e ecologia muito

específicas. Entra em contacto com as outras três zonas naturais, sendo a única a fazê-lo: na área interior atravessa a Serra; na área costeira acompanha primeiro a Zona de Transição, misturando-se depois com o Litoral. Por último, a Serra abrange uma superfície imensa mas apresenta apesar disso uma grande uniformidade morfológica, geológica e de coberto vegetal. São cerros arredondados a perder de vista, em grande parte apresentando o tom verde-escuro do esteval sobre solos esqueléticos de xisto.

O MEIO NATURAL

O coberto natural actual encontra-se profundamente alterado devido à secular intervenção humana. As terras férteis e fáceis de trabalhar do Litoral e da Zona de Transição aliadas à facilidade de acesso por mar e à riqueza piscícola bem como a uma situação propícia à fixação do homem, transformaram desde muito cedo estas zonas. Mais tarde, a influência árabe introduziu variedade agrícola, novas tecnologias e difundiu maciçamente plantas como a Alfarrobeira e a Amendoeira organizando-as numa formação conhecida por mata de frutos ou pomar de sequeiro (PENA & CABRAL, 1997). A partir da década de 60, o desenvolvimento turístico do litoral algarvio trouxe a mais profunda e radical alteração que esta zona alguma vez conheceu. Se pudsésemos imaginar uma situação ecológica equilibrada e isenta de intervenção antropogénica, muito provavelmente conseguiríamos ver sistemas dunares bem preservados com um povoamento de Pinheiro-manso e Sabina-das-praias (*Juniperus phoeniceà*) nas áreas arenosas mais estabilizadas, importantes áreas palustres espraiando-se para o interior em certos locais e, sobre terrenos consolidados, uma formação mista de Azinheira, Sobreiro, Zambujeiro (*Olea europaea sylvestris*) e Pinheiro-manso.

Nos vales encaixados dos cursos de água deverá ter ocorrido um povoamento boscoso de densidade e composição variáveis, em função da exposição das encostas e da posição e grandeza dos afloramentos rochosos. Nele vegetariam árvores e arbustos perenifólios mediterrânicos de que são exemplo o Sobreiro, a Azinheira, a Sabina-das-praias, o Sanguinho-das-sebes (*Rhamnus alaternus*), o Zambujeiro e o Medronheiro (*Arbutus unedo*). Na zona serrana adjacente, o povoamento seria menos diversificado dado alguns dos seus elementos característicos, como *ajuniperus phoeniceà*, deixarem de

ocorrer; na Serra, a Azinheira deveria ser dominante. O coberto denotaria maior variedade florística na área mais fresca e chuvosa encostada aos concelhos de Tavira e Loulé onde reapareceriam com alguma frequência, o Sobreiro e o Medronheiro. No Vale do Guadiana terão sido o pastoreio, o fogo e os fenómenos erosivos subsequentes, que alteraram a estrutura e composição vegetais do bosque mediterrânico de carácter xerófilo. Na Serra, as arroteias sucessivas ao longo dos tempos, que culminaram nas campanhas do trigo dos finais do século passado e anos 30, originaram um agrupamento arbustivo homogéneo e de baixa diversidade - o esteval. Este meio é o único que ainda consegue sobreviver, sem a ajuda do homem, às condições adversas de solos e clima desta zona natural.

In "Roteiro Turístico do Baixo Guadiana", Odiara, 1999